



Algumas considerações sobre a crítica da economia política de Marx e Engels¹

Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior²

Resumo

Esse artigo apresenta uma reflexão em relação as hipóteses apresentadas sobre o método do materialismo histórico dialético desenvolvido por Karl Marx e Friedrich Engels, pautadas no texto “Introdução à Contribuição à Crítica da Economia Política”, nas quais se contrapõe a compreensão de que a busca pela totalidade e a possibilidade de iniciar a reflexão a partir de elementos da totalidade se configura como uma correta ilustração do materialismo histórico dialético. A hipótese que a escrita desse trabalho pretende confrontar é aquela que define como correto um único e determinado percurso obrigatório para a reflexão a partir do método do materialismo histórico dialético, tendo como ponto de partida sempre objetos concretos e específicos. Para isso, o texto aborda aspectos que compõe o método do materialismo histórico dialético, como a totalidade, perspectiva concreta, abstrata, a práxis; e resgata a compreensão do método utilizada por pesquisadoras e pesquisadores da Teoria Marxista da Dependência (TMD), para sustentar a hipótese apresentada pela escrita desse trabalho.

Palavras chave: Materialismo Histórico Dialético, Marx e Engels, Teoria Marxista da Dependência, Dialética e Totalidade.

Algunas consideraciones sobre la crítica de la economía política de Marx y Engels

Resumen

Este artículo presenta una reflexión sobre las hipótesis presentadas sobre el método del materialismo histórico dialético desarrollado por Karl Marx y Friedrich Engels, pautadas en el texto "Introducción a la Contribución a la Crítica de la Economía Política", en las que se contraponen la comprensión de que la búsqueda de la totalidad y la posibilidad de iniciar la reflexión a partir de elementos de la totalidad se configura como una correcta ilustración del materialismo histórico dialético. La hipótesis que la escritura de ese trabajo pretende confrontar es aquella que define como correcto un único y determinado recorrido obligatorio para la reflexión a partir del método del materialismo histórico dialético, teniendo como punto de partida siempre objetos concretos y específicos. Para ello, el texto aborda aspectos que componen el método del materialismo histórico dialético, como la totalidad, perspectiva concreta, abstracta, la praxis; y rescata la comprensión del método utilizado por investigadores e investigadores de la Teoría Marxista de la Dependencia (TMD) para apoyar la hipótesis presentada por la escritura de este trabajo.

Palabras clave: Materialismo Histórico Dialético, Marx y Engels, Teoría Marxista de la

¹ A produção desse texto contou com o apoio do Edital DPG 0001/2022. Agradeço ao Decanato de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (UnB) por financiar a pesquisa sistematizada neste texto.

² Técnico Administrativo em Educação na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e discente matriculado no curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA). Email: mariojunior@ufu.br

Dependencia, Dialéctica y Totalidad.

Some considerations on the critique of political economy by Marx and Engels

Summary

This article presents a reflection on the hypotheses presented on the method of dialectical historical materialism developed by Karl Marx and Friedrich Engels, based on the text “Introduction to the Contribution to the Critique of Political Economy”, which opposes the understanding that the search for totality and the possibility of starting the reflection from elements of the totality is configured as a correct illustration of dialectical historical materialism. The hypothesis that the writing of this work intends to confront is the one that defines as correct a single and determined mandatory path for reflection based on the method of dialectical historical materialism, always having concrete and specific objects as a starting point. For this, the text addresses aspects that make up the method of dialectical historical materialism, such as totality, concrete, abstract perspective, praxis; and it rescues the understanding of the method used by researchers of the Marxist Theory of Dependence (TMD), to support the hypothesis presented by the writing of this work.

Key words: Dialectical Historical Materialism, Marx and Engels, Marxist Dependency Theory, Dialectics and Totality.

“Todo começo é difícil, em qualquer ciência”

Karl Marx

A motivação da escrita desse breve trabalho se relaciona com as hipóteses apresentadas sobre o método do materialismo histórico dialético desenvolvido por Karl Marx e Friedrich Engels, a partir de interpretações do texto “Introdução à Contribuição à Crítica da Economia Política”,³ nas quais se contrapõe a compreensão de que a busca pela totalidade e a possibilidade de iniciar a reflexão a partir de elementos abstratos, da totalidade se configura como uma correta ilustração do materialismo histórico dialético. A hipótese que a escrita desse trabalho pretende confrontar é aquela que define como correto um único e determinado percurso obrigatório para a reflexão a partir do método do materialismo histórico dialético, tendo como ponto de partida sempre objetos concretos e específicos.

Nesse texto, ao expor o método da Economia Política, Karl Marx afirma que o percurso da investigação científica que se pauta inicialmente pelo estudo de aspectos globais e gerais apresentaria uma premissa equivocada. E na sequência dessa afirmação, traduzida pela Editora Expressão Popular no futuro do pretérito (“...esse método seria falso.”), Marx demonstra que ao percorrer o caminho do global para o específico, buscando aspectos gerais

³ In: MARX, Karl. Contribuição à crítica da economia política. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2008.

para chegar no aspecto específico, obrigatoriamente será exigida da pesquisa percorrer um caminho de volta. O trecho que destacamos desse importante texto que ajuda na compreensão e reflexão sobre o método do materialismo histórico-dialético é:

Parece mais correto começar pelo que há de concreto e real nos dados; assim, pois, na economia, pela população, que é a base e sujeito de todo o ato social da produção. *Todavia, bem analisado, esse método seria falso.* A população é uma abstração se deixo de lado as classes que a compõem. Essas classes são, por sua vez, uma palavra sem sentido se ignoro os elementos sobre os quais repousam, por exemplo: trabalho assalariado, o capital etc. Esses supõem a troca, a divisão social do trabalho assalariado, o capital etc. O capital, por exemplo, não é nada sem trabalho assalariado, sem valor, dinheiro, preços etc. Se começasse, portanto, pela população, elaboraria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais estrita, chegaria analiticamente, cada vez mais, a conceitos mais simples; do concreto representado chegaria a abstrações cada vez mais tênues, até alcançar as determinações mais simples. Chegado a esse ponto, teria que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas dessa vez não como uma representação caótica de um todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas. O primeiro constitui o caminho que foi historicamente seguido pelo nascente Economia Política. Os economistas do século 17, por exemplo, começam sempre pelo todo vivo: a população, a nação, o Estado, vários Estados etc.; mas terminam sempre por descobrir por meio da análise certo número de relações gerais abstratas que são determinantes, tais como a divisão do trabalho, o dinheiro, o valor etc. Esses elementos isolados, uma vez que são mais ou menos fixados e abstraídos, dão origem aos sistemas econômicos, que se elevam do simples, tal como trabalho, divisão do trabalho, necessidade, valor de troca, até o Estado, a troca entre as nações e o mercado universal. *O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como um processo da síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação.* No primeiro método, a representação plena volatiliza-se na determinação abstrata; no segundo, as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto por meio do pensamento. (MARX, 2008, p. 258-259, *grifo meu*)

O texto desse trabalho tem como motivação refletir sobre a interpretação provocada pela leitura específica desse trecho, apresentando a hipótese de que, para quem reivindica o método do materialismo histórico-dialético, não deve compreender o método como um movimento engessado, determinista, que obriga a percorrer necessariamente um determinado caminho de pesquisa e/ou análise a partir de um objeto isolado, específico, para em seguida compreender o todo, a totalidade. Mas sim, compreender o método como um processo dinâmico, em movimento com suas contradições, que ao analisar a realidade concreta compreende a possibilidade de que o ponto de partida pode ser considerado também o ponto de chegada e vice e versa. Em outras palavras, apresenta-se a ideia de que não se é estranho ao

método do materialismo histórico-dialético, o início de uma reflexão e/ou pesquisa tendo como base um objeto mais amplo, mais abstrato. O que importa para o método marxista, é apreensão de outras compreensões e categorias, que permita o contraditório, o percurso de ida e vinda, a perspectiva de movimento. Nesse debate, TELES (2018) afirma que:

Mas entre os dois pontos há a mediação do processo de abstração. É a partir desse processo que ocorre a reconstituição da realidade no pensamento que, a primeiro momento, vem a partir da intuição ou da representação sobre ela, ainda caótica ou a partir de representações ideológicas. E logo após descobrir as múltiplas determinações que é o concreto, chega-se, então, ao concreto-determinado. O processo de abstração, então, possui algumas categorias que são recursos para chegar a análise dialética de qualquer fenômeno social. Categorias como abstração, determinação, concreto, **totalidade**, particularidade, fazem parte do método dialético, auxiliando na chegada da consciência correta da realidade (LUKÁCS, 1989). Para Marx, o método dialético é uma forma de não cair no canto da sereia da aparência do fenômeno, chegando a sua essência, ou seja, a sua determinação fundamental. (p. 68, grifo do autor)

Em outras palavras, por mais que tenhamos a compreensão de que Marx e Engels iniciam as reflexões no livro “O Capital” (1867) através da análise da mercadoria (objeto isolado e específico) em busca da compreensão da dinâmica e funcionamento da lógica do capital, a hipótese que esse trabalho apresenta é que através da leitura do trecho de Marx⁴ citado aqui anteriormente, pode-se considerar errônea a interpretação de que obrigatoriamente devemos iniciar a reflexão isolando um objeto de uma totalidade. Como nos lembra Netto (2011),

o método não é um conjunto de regras formais que se "aplicam" a um objeto que foi recortado para uma investigação determinada nem, menos ainda, um conjunto de regras que o sujeito que pesquisa escolhe, conforme a sua vontade, para "enquadrar" o seu objeto de investigação. (p. 52)

A partir desse trecho de Marx⁵, apresentamos a concepção de que não se chega a um resultado interessante se a pesquisa partir do concreto caótico para a partir disso estabelecer categorias. Primeiro, se estabelecem as categorias de análise, para daí se dirigir para o concreto caótico. Se partimos do concreto não pensado, terminaremos com categorias abstratas que não contribuirão com conclusões da reflexão e/ou da pesquisa proposta. É importante ter a atenção na inversão que Marx e Engels fazem da dialética hegeliana, quando a coloca de cabeça para baixo e compreendem que a realidade não é um resultado do pensamento, do espírito da ideia; mas que a realidade é resultado do movimento concreto da

⁴ Ibidem.

⁵ Ibidem.

ação de homens e mulheres, mesmo que tais ações sejam realizadas em condições não escolhidas por esses homens e mulheres.

A metodologia proposta pelo materialismo histórico-dialético nos faz perceber o caráter contraditório do desenvolvimento capitalista, que, à medida de sua expansão, gera, em seu próprio cerne, uma negação permanente, da mesma sociedade que a gerou. Nessa perspectiva, a posição do pesquisador em relação ao objeto, se encontra em uma indissociável correspondência entre a elaboração teórica e a formulação metodológica. Ou seja, o método marxiano não possui forma autônoma em face da teoria, como depreende-se a partir de Marx (2008, p. 45):

Minhas investigações me conduziram ao seguinte resultado: as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades, condições estas que Hegel [...] compreendia sob o nome de “sociedade civil”.

O método do materialismo histórico-dialético não recorre a fórmulas prontas e esquemas estruturados nos quais encaixamos o objeto de pesquisa a algo pré-estabelecido, e considera de extrema importância uma análise rigorosa do processo histórico no qual antecede o objeto de pesquisa e no qual se encontra o objeto de pesquisa. Nesse sentido resgata-se a afirmação de Engels de que

“(...) nossa [de Marx e dele] concepção da história é, antes de tudo, um guia para o estudo [...]. É necessário estudar novamente toda a história – e estudar, em suas minúcias, as condições de vida das diversas formações sociais – antes de fazer derivar delas as ideias políticas, estéticas, religiosas [...] etc. que lhes correspondem”. (MARX;ENGELS, 1963, p. 283; itálicos não originais)”

O materialismo histórico-dialético compreende que o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. José Paulo Netto (2010) afirma que para Marx, a teoria é a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa, e nesse sentido, pela teoria:

“(...) o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa. E esta reprodução (que constitui propriamente o conhecimento teórico) será tanto mais correta e verdadeira quanto mais fiel o sujeito for ao objeto.” (p. 7)

As análises devem ser realizadas e concebidas como um produto histórico-social, que se constrói na dinâmica das relações sociais, o que implica ressaltar a não neutralidade do objeto investigado. Lukács (1974, p. 14) nos lembra que é o ponto de vista da totalidade e não a predominância das causas econômicas na explicação da história que distingue de forma decisiva o marxismo da ciência burguesa.

Uma pesquisa que utilize metodologicamente o materialismo histórico-dialético, não se pautaria, portanto, por qualquer suposta neutralidade, mas por compreender a dinâmica de contradições do processo, por não ignorar aspectos relacionados ao caráter de classe na política, no estado e na sociedade analisada; não faria um percurso que se iniciaria por um objeto específico, isolado, concreto; mas sim de um objeto mais amplo e abstrato. A partir da análise da política econômica implementada por esses governos, levando em consideração aspectos centrais da história econômica e política de cada país, a pesquisa dentro do espectro do materialismo histórico dialético, objetiva contribuir com o processo de reflexão sobre a construção de estratégias políticas que contribuam para a superação da condição de dependência que caracteriza a estrutura da economia brasileira e colombiana. Nesse sentido, o objetivo proposto por uma tal pesquisa estaria em total harmonia com o sentido do método do materialismo histórico-dialético, central para a compreensão do método, uma vez que não caberia às pesquisadoras e pesquisadores apenas analisar e interpretar a sociedade, mas sim contribuir efetivamente para sua transformação em prol das classes desfavorecidas pelo modo de produção.

Esse percurso, não deve ser entendido como uma premissa equivocada, se levar em consideração que esse movimento se pauta pela premissa ilustrada por Marx quando afirma que:

“Não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida.” (MARX; ENGELS, 2007, p. 94)

Exemplos reflexivos de percursos de pesquisa que percorrem o caminho dentro do materialismo histórico-dialético, e que não necessariamente iniciam a reflexão a partir de um objeto isolado e concreto, mas sim a partir de um objeto mais amplo e abstrato, são aqueles trabalhos localizados dentro da Teoria Marxista da Dependência.⁶

⁶ Ver por exemplo, trabalhos elaborados por Ruy Mauro Marini (2017) e Vânia Bambirra (2012).

Portanto, mesmo que seja possível avaliar que para Marx, o percurso adequado a ser percorrido é aquele que produz uma reflexão ideal do todo a partir dos conceitos mais simples levando em consideração todas as contradições internas dos conceitos ou objetos, destaca-se a necessidade de que independente do ponto de partida da reflexão, que se faça o caminho de ida e volta buscando constituir uma totalidade concreta. Ou seja, não parece adequado ao analisar o método do materialismo histórico-dialético, afirmar que existe um percurso pré-definido, cristalizado, proposto pelo referido método. O método de Marx é complexo, rico em contradições e não cabe qualquer perspectiva de engessamento sobre o caminho a ser percorrido pela pesquisadora e pelo pesquisador que reivindicam filiação ao método do materialismo histórico-dialético.

Assim, a partir dessa hipótese desenvolvida nos parágrafos anteriores, e considerando os limites desse trabalho, nos limitaremos nas próximas páginas, a refletir sobre o uso desse método desenvolvido por Marx e Engels pelos/as teóricos/as da Teoria Marxista da Dependência (TMD), bem como a importância da categoria *totalidade* para o método do materialismo histórico-dialético. E para pensar a categoria da totalidade nesse trabalho, se recorrerá às reflexões de KONDER (1981), NETTO (2010), KOSIC (1976), SIQUEIRA (2015), TELES (2018) e BAMBIRRA (2012).

Breves considerações sobre o histórico da Teoria Marxista da Dependência (TMD)

A teoria marxista de dependência surge em contraposição às ideias e reflexões propostas pelos partidos comunistas alinhados à antiga União Soviética e pela Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), no debate referente as causas e consequências do subdesenvolvimento dos países da América Latina e Caribe (CRUZ, 2018).

Ao passo que a CEPAL se pautava por uma concepção que dividia economicamente os países no mundo em dois grandes blocos, centro e periferia, compondo assim uma totalidade orgânica que permite os países então subdesenvolvidos atingirem o desenvolvimento econômico pleno típico dos países centrais; as reflexões apresentadas pelos partidos comunistas, possuía bastante influência das análises gestadas pela III Internacional Comunista sobre os países não desenvolvidos, oriundos de uma colonização do tipo de exploração econômica (CRUZ, 2018).

Tais análises afirmavam que esses países que não possuíam um capitalismo desenvolvido se encontravam ainda em uma situação com traços feudais na agricultura e que se encontravam bastante refém do imperialismo; e que para superar esse estágio de não

desenvolvimento do capitalismo, o caminho a se seguir nesses países era a concretização de uma etapa que se traduzia na construção entre o proletariado e setores da burguesia nacional, para assim desenvolver o capitalismo internamente, e conseqüentemente desenvolver uma forte burguesia nacional, para em uma etapa superior (já com as forças produtivas desenvolvidas) buscar a construção de um processo revolucionário socialista. Nesse sentido, Ruy Mauro Marini afirma que:

A ascensão da burguesia industrial no pós-guerra e principalmente, o brilho da sua expressão ideológica – o desenvolvimentismo – apanham os comunistas desarmados. O débil desenvolvimento do marxismo no período anterior – quando ficara confinado sobretudo à historiografia – leva, então a que a teoria geral adotada pelos comunistas seja a que propõe a burguesia industrial. E isto é compreensível: correspondendo ao período em que os PCs se batem pela criação de uma frente única entre a burguesia e o proletariado, a Cepal lhes oferece de bandeja uma burguesia nacional e uma teorização sobre os mecanismos de exploração capitalista internacional próxima à teoria do imperialismo. (1992, p.86)

Já a TMD, que teve como principais expoentes André Gunder Frank, Marta Harnecker, Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos e Vânia Bambirra, contrapõe essas duas compreensões citadas brevemente acima, superando a perspectiva etapista e reformista, contida em graus diferenciados em ambas propostas.

A TMD apresentou uma perspectiva de que a condição de dependência dos países da América Latina e Caribe, se configura como parte integrante dentro de um processo desigual e combinado dentro do sistema capitalista mundial, e como parte necessária para a manutenção da condição dos países desenvolvidos, tendo os países de economia dependente participação definida na divisão da organização internacional do trabalho, possibilitou a construção de uma reflexão que pautou na luta política e econômica a possibilidade e a necessidade de superação da lógica de reprodução do capital nesses países dependentes, para atingir o objetivo de desenvolvimento econômico e social. Em outras palavras, a TMD demonstrou que dentro da lógica imposta pelo capitalismo mundial, a superação da condição de dependência provoca necessariamente um choque com os interesses dos países desenvolvidos.

O caminho metodológico da Teoria Marxista da Dependência (TMD)

É possível visualizar o modo como a Teoria Marxista da Dependência compreende o método do materialismo histórico-dialético, na perspectiva da totalidade, ao recorrer a exposição feita por Vânia Bambirra (2012), na qual reflete sobre o desenvolvimento do

capitalismo na América Latina vinculado ao processo de reprodução do capitalismo mundial, de modo que o padrão de reprodução do capital no continente latino-americano não nega as leis gerais do movimento sistêmico, mas nega a repetição na América Latina do padrão da reprodução do capital na lógica que ocorre nos países centrais, possuindo configurações específicas aqui no continente que fazem parte da dinâmica internacional de reprodução do capital. Nesse sentido, a autora afirma que:

É neste sentido que partimos da conceitualização da categoria de dependência, mas não a utilizamos conforme o fez em certos momentos a ciência oficial, que buscou encontrar nesta categoria a explicação de um pretenso fenômeno externo e coercitivo da situação latino-americana. Tratamos de redefini-la e utilizá-la como a categoria analítico-explicativa fundamental da conformação das sociedades latino-americanas e, através dela, procuramos definir o caráter condicionante concreto que as relações de dependência entre centro-hegemônico e países periféricos tiveram no sentido de conformar determinados tipos específicos de estruturas econômicas, políticas e sociais atrasadas e dependentes. (BAMBIRRA, 2012, p. 38)

E a partir da premissa reflexiva apresentada por esse texto que se contrapõe à interpretação engessada, positivista, de que a luz do materialismo histórico dialético existe um único caminho rígido e supostamente correto, Vânia Bambirra demonstra que:

Uma vez resolvidas estas questões teóricas gerais, nas quais o conceito de dependência se apresenta com um novo rigor analítico, ainda que em um nível alto de abstração, é necessário tratar de definir a relação existente entre a situação de dependência e estrutura dependente. Embora a situação condicionante básica na formação, configuração e desenvolvimento das sociedades latino-americanas tenha sido uma mesma situação de dependência frente aos centros hegemônicos, é preciso tentar, através de aproximações sucessivas à realidade concreta – isto é, empreendendo o trajeto desde um nível mais alto de abstração para níveis concretos –, realizar o estudo das manifestações históricas específicas e do processo de transformação das estruturas dependentes que se formam no continente. (2012, p. 39)

A luz do materialismo histórico-dialético, a TMD percorre o necessário caminho de ida e volta, para buscar uma compreensão do objeto pesquisado. E a afirmação a seguir, ilustra a compreensão metodológica não engessada do método científico desenvolvido por Marx e Engels, quando expõe o seguinte caminho percorrido:

Deste modo, num primeiro momento partimos das características gerais de um todo indiferenciado, definido como um conjunto de sociedades dependentes – o que foi realizado no trabalho a que nos referimos anteriormente –, para em seguida buscar a diferenciação de seus componentes internos essenciais através da agrupação em tipos. Por isso, é necessário elaborar uma tipologia das estruturas dependentes para, posteriormente, poder alcançar o estudo das características específicas de

cada país. O objeto específico desta pesquisa (como parte de um projeto mais amplo sobre as relações de dependência na América Latina) consiste num nível intermediário entre a tentativa de conceitualização teórica geral da dependência (que começou a ser feita no trabalho a que nos referimos) e o estudo específico das estruturas dependentes concretas. Em outras palavras, consiste na elaboração de uma tipologia das estruturas dependentes latino-americanas a partir do pós-guerra. Esse corte analítico se justifica por ser essa uma época que contém características especiais, pois se inicia uma nova fase do processo de integração dessas sociedades ao sistema capitalista monopolista mundial. (BAMBIRRA, 2012, p. 39)

E reivindicando a perspectiva de Marx e Engels a respeito da importância que a perspectiva histórica possui para o método do materialismo dialético, no que se refere ao desenvolvimento do processo histórico, Vânia Bambirra demonstra em seu escrito que a pesquisa leva em consideração elementos históricos, e faz uma interlocução com a categoria de totalidade. Assim, afirma que:

O sistema monopolista com características de integração mundial já começa a se formar desde o fim do século XIX, mas é somente após a Segunda Guerra Mundial que a integração monopólica mundial se cumpre de forma plenamente definida e se torna dominante, seja através do processo mais acelerado do nível das grandes empresas multinacionais, seja através da criação de organismos internacionais para a integração política, seja através dos tratados de integração militar, seja, por último, através da expansão do capitalismo monopolista de Estado. (BAMBIRRA, 2012, pp. 39-40)

A compreensão que a TMD possui sobre o método do materialismo histórico-dialético (é a mesma reivindicada por esse texto), possui sintonia com a perspectiva e percepção que Marx e Engels conferiram a esse método científico. Ou seja, a compreensão de que o método pressupõe um movimento dinâmico para a reflexão (e não estático, rígido), com a necessidade de a pesquisa realizar o trajeto de ida e de retorno independente do ponto de partida durante a análise do objeto, seja ele concreto ou abstrato, seja ele específico ou geral, combinado com a categoria *totalidade* e com a categoria *processo histórico*.

No texto “Dialética da Dependência” (1973), Ruy Mauro Marini apresenta uma perspectiva histórica do desenvolvimento econômico da América Latina, apontando a trajetória histórica que condicionou o caráter de economia dependente aos países da América Latina. Nesse sentido, Marini afirma que:

Forjada no calor da expansão comercial promovida no século 16 pelo capitalismo nascente, a América Latina se desenvolve em estreita consonância com a dinâmica do capitalismo internacional. Colônia produtora de metais preciosos e gêneros exóticos, a América Latina contribuiu em um primeiro momento com o aumento do fluxo de mercadorias e a expansão dos meios de pagamento, que, ao mesmo tempo em que permitiam o desenvolvimento do capital comercial e bancário na Europa, sustentaram o

sistema manufatureiro europeu e propiciaram o caminho para a criação da grande indústria. (pg. 327)

E mais adiante no texto, Marini afirma ainda que:

A criação da grande indústria moderna seria fortemente obstaculizada se não houvesse contado com os países dependentes, e tido que se realizar sobre uma base estritamente nacional. (pg. 328)

Essa concepção do processo histórico expressa nos trechos citados acima, demonstra a dinâmica em que o estágio de subdesenvolvimento, de dependência econômica de vários países, é fundamental para garantir o desenvolvimento econômico de alguns países; bem como demonstra a exclusão da possibilidade de repetir nos países de economia dependente, as mesmas fases de desenvolvimento percorridas pelos países desenvolvidos.

E por considerar fundamental para o método a perspectiva do processo histórico para refletir sobre o objeto pesquisado, Vânia Bambirra elabora em suas reflexões uma tipologia denominada “histórico-estrutural” que significou uma contribuição inédita para o arcabouço teórico da TMD, fortalecendo inclusive uma interpretação a respeito do método materialismo histórico-dialético elaborado por Marx e Engels. E essa tipologia articula a perspectiva do processo histórico com a categoria “estrutura” também considerada importante na relação entre o específico e o geral, o concreto e o abstrato; de modo que ao analisar os problemas sociais e econômicos de países da América Latina, é fundamental fazer a relação com o sistema econômico mundial (hegemonizada nos últimos séculos pela lógica de reprodução do capital). Nesse sentido a autora afirma que:

A tipologia que tentamos elaborar é “histórico-estrutural” porque somente se pode estudar as sociedades latino-americanas ao considerá-las:

a) Como parte integrante do sistema capitalista mundial, porque se formam dentro do contexto de sua expansão. Neste sentido, a economia mundial tem que ser tomada como determinante em última instância.

A situação de dependência do sistema capitalista mundial (que se manifesta historicamente através da dependência em relação a um centro hegemônico) é uma situação condicionante do desenvolvimento das sociedades latino-americanas.

b) Como resultado de um processo de redefinição estrutural, porque “a dependência condiciona certa estrutura interna” e esta “redefine a dependência em função das possibilidades estruturais das economias nacionais”. Em outras palavras, a dependência condiciona a estrutura econômica que engendra os parâmetros das possibilidades estruturais. (2012, p. 40)

E ainda sobre a importância da perspectiva histórica para o método de reflexão desenvolvido por Marx e Engels, no processo de pesquisa e análise do objeto, a autora afirma

ainda que o aspecto histórico é fundamental para compreensão das debilidades e dos problemas sociais e econômicos enfrentados no presente pelos países latino-americanos.

Visando a esclarecer um pouco mais essa concepção metodológica, poderíamos dizer, por exemplo, que no século XIX os países latino-americanos não poderiam ter deixado de ser fundamentalmente exportadores. Mas dentro desses marcos gerais, alguns países obtiveram a independência antes que outros, instalaram regimes políticos diferentes – como a República ou o Império, como no caso do Brasil –, e alguns já começaram a criar indústrias no final do século XIX, enquanto outros não o fizeram. Tais eram as possibilidades estruturais que foram se concretizando, permitidas pelo marco geral da dependência. (BAMBIRRA, 2012, p. 41)

É central ressaltar que ao discorrer sobre a interpretação sobre o método do materialismo histórico dialético, lançando mão da categoria histórico-estrutural, Bambirra (2012) demonstra que essa expressão longe de conferir ao método uma perspectiva mecanicista, sobreleva a sua perspectiva dialética (com suas contradições inerentes), e demonstra que ao contrário da escolha de Karl Marx na exposição da reflexão adotada em “O Capital” tendo como ponto de partida a mercadoria, portanto um objeto específico, as economias latino-americanas, apesar de se configurarem como um objeto mais amplo e geral, se configura ao mesmo tempo como um objeto mais concreto do que a própria mercadoria em “O Capital”. Nesse caso, por um olhar que permite aflorar a pluralidade, a riqueza e o dinamismo do método do materialismo histórico-dialético, o objeto utilizado como ponto de partida para as reflexões por parte de autores/as da TMD, pode carregar em si uma característica específica ou um perfil mais abstrato, a depender da situação. Nesse sentido, a autora afirma que:

Esta formulação da metodologia marxista nos parece a mais adequada, pois torna explícito o significado do que são, como condicionantes, o fator econômico e a dependência. Não existe um condicionamento absoluto – como uma interpretação mecanicista poderia deduzir –, mas sim um condicionamento dos parâmetros dentro dos quais atuam uma série de contradições cujas interações, choques e lutas dão as alternativas ou possibilidades históricas de ação e funcionamento aos setores e classes sociais que se formam dentro desses parâmetros gerais, nos quais as opções de política econômica e social se tornam possíveis. Por isso, se a intenção é realizar uma análise científica, esta tem que encontrar em tais fatores condicionantes não apenas um ponto de partida, mas também seu objeto fundamental de investigação. (...)

Usamos esta expressão com o objetivo de adequar a metodologia criada por Marx ao enfrentamento do estudo da problemática das sociedades dependentes latino-americanas, isto é, para tratar de explicar as leis de movimento de estruturas específicas, historicamente condicionadas. É por isso que acreditamos que a expressão histórico-cultural é adequada, pois o nível de análise que pretendemos desenvolver, embora não se limite a nenhum país em particular, situa-se num nível muito mais concreto que o nível de análise sumamente abstrato realizado por Marx em O Capital. (2012, pp. 40-41)

Assim, com a ilustração sobre o modo que a Teoria Marxista da Dependência compreende o método do materialismo histórico-dialético, na execução de suas pesquisas e reflexões, vale resgatar o debate que Karl Marx faz no Posfácio da segunda edição inglesa do Livro “O Capital” em 1873, no qual ele reflete sobre o modo de exposição em que aponta a necessidade de realizarmos a distinção entre o modo de exposição segundo sua forma, do modo de investigação. Nesse sentido, Marx escreve:

Sem dúvida, deve-se distinguir o modo de exposição segundo sua forma, do modo de investigação. A investigação tem de se apropriar da matéria [Stoff] em seus detalhes, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e rastrear seu nexos interno. Somente depois de consumado tal trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Se isso é realizado com sucesso, e se a vida da matéria é agora refletida idealmente, o observador pode ter a impressão de se encontrar diante de uma construção a priori. (p. 90)

Cabe ressaltar por fim, a luz dos limites desse breve artigo, que ao modo como a Teoria Marxista da Dependência expõe suas reflexões e objetos de pesquisa, em sua forma e em seu modo de exposição, contribui para a construção de uma teoria social que visa sua conversão em força material a partir de sua apropriação pela classe trabalhadora, abraçando a perspectiva da crítica que Karl Marx faz sobre as teses de Ludwig Feuerbach, a respeito da constatação de que os/as teóricos/as acadêmicos/as, em especial os/as filósofos/as têm se limitado a interpretar o mundo de maneiras diferentes, mas que o desafio nesse atual contexto histórico é buscar uma transformação.

As reflexões apresentadas pela Teoria Marxista da Dependência, ao conferir ao método do materialismo histórico dialético a perspectiva dinâmica (método em movimento), contraditória, totalizante e histórica, ajudou na superação da perspectiva estática e mecanicista que caracterizou as elaborações e análises de diversos teóricos marxistas no decorrer do século XX que traduziram para a política na América Latina, uma estratégia etapista para pensar propostas de transformação social e econômica para o continente.

No decorrer da leitura do texto “Dialética da Dependência” (1973) de Ruy Mauro Marini, percebemos uma similaridade com uma concepção teórica, denominada de “Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado”, elaborada por Leon Trotsky⁷, presente (sem

⁷ Essa formulação teórica elaborada por Trotsky, se constitui como uma importante contribuição para o desenvolvimento do pensamento marxista no decorrer do século XX, pois devido essa concepção analisar globalmente o mecanismo de funcionamento do capital, se configura como um instrumento para analisar o processo revolucionário nos países chamados de “subdesenvolvidos” (nesse texto nós denominamos esses países – em sua maioria localizados no hemisfério sul – como “países com economia dependente”). Essa teoria de Trotsky, apresentou um caminho alternativo ao proposto por grande parte da esquerda mundial no decorrer do

realizar a justa referência/citação ao revolucionário russo)⁸ como pano de fundo nas reflexões elaboradas por Marini e outros/as autores/as da Teoria Marxista da Dependência, contribuindo assim na atualização do marxismo no decorrer da década de 70 no Brasil e na América Latina.

É relevante esse último destaque pontuado, por ao mesmo tempo atualizar a teoria marxista a luz da realidade vivida, do concreto, contribuir no combate às leituras engessadas e mecanicistas do método elaborado por Marx e Engels e por propor caminhos que mantem viva a perspectiva de transformação social, política e econômica dos países latino-americanos, uma vez que a compreensão que a Teoria Marxista da Dependência faz do método materialista histórico dialético tem como desdobramento a ideia de que o destino dos países atrasados frente ao o ritmo desigual do processo histórico, é submetido às necessidades dos países desenvolvidos, e na impossibilidade de seguir os mesmos caminhos trilhados por esses países desenvolvidos, resta aos os países com economia dependente o avanço com grandes saltos, para modificar a estrutura social e econômica vigente.

Breves Considerações Finais

Inicia-se as considerações finais resgatando uma fecunda observação de Carlos Nelson Coutinho, de que “a dialética não pensa o todo negando as partes, nem pensa as partes abstraídas do todo. Ela pensa tanto as contradições entre as partes (a diferença entre elas: o que faz de uma obra de arte algo distinto de um panfleto político) como a união entre elas (o que leva a arte e a política a se relacionarem no seio da sociedade enquanto totalidade).” (KONDER, p. 46, 1981)

Essa compreensão sobre o método de Marx, denominado no decorrer desse texto como materialismo histórico dialético, precisa ser visualizada como um método em movimento, não estático, tendo como ponto de partida para reflexão, objetos que podem ser totalizantes, abstratos ou específicos, concretos. Em outras palavras, é um equívoco tratar o método do materialismo histórico dialético como uma perspectiva estática que obrigatoriamente inicia sempre suas reflexões de objetos específicos em direção à totalidade que não deve ser compreendida como

século XX, que defendia uma estratégia etapista para o desenvolvimento do processo da revolução socialista nos países com economia dependente. Enquanto a orientação da III Internacional (Depois de Lênin) aos partidos comunistas da América Latina na primeira metade do século XX, se pautava pela aliança com setores da burguesia nacional visando desenvolver as forças produtivas, visando desenvolver primeiramente a economia local, para após essa etapa pensar na estratégia de organização dos trabalhadores para a tomada do poder político e econômico; a Lei do Desenvolvimento Desigual e Combinado, enxergando o funcionamento global do capital de forma dialética, colocou no centro da estratégia de ação dos trabalhadores, a possibilidade e a necessidade de realizar de imediato, nesses países com economia dependente, um processo de ruptura com o capitalismo.

⁸ Para uma reflexão mais profunda sobre essa questão, ver MANTEGA (1985) e GUIMARÃES JÚNIOR; LOPES (2016)

uma simples soma das partes que a constituem. O ponto de partida pode ser diverso e variado, não existe uma regra, embora seja necessário (na perspectiva da totalidade) percorrer dialeticamente o caminho de “ida e de retorno”, para que se possa buscar uma compreensão adequada do que se pesquisa e do que se reflete. E para ilustrar e subsidiar essa hipótese e compreensão sobre o método do materialismo histórico dialético, de que é errônea a interpretação de que *obrigatoriamente* devemos iniciar a reflexão isolando um objeto de uma totalidade resgatamos as reflexões sobre o método desenvolvidas pelas pesquisadoras e pesquisadores da TMD.

Ainda sobre a importância da totalidade, como categoria central para a teoria de Marx e Engels, para o materialismo histórico dialético, tendo a como ponto de partida ou ponto de chegada, vale destacar que a totalidade, conforme demonstra KOSIC (1976), deve compreender a realidade nas suas íntimas leis, para revelar a causalidade dos fenômenos e suas conexões internas. Dessa forma, a totalidade se coloca em uma posição antagônica a um simples empirismo que não consegue compreender os processos evolutivos da realidade. Kotic (1976, p. 44) nos lembra que a totalidade representa a realidade como um todo estruturado, no qual um fato pode vir a ser racionalmente compreendido. Em que pese compreender que a realidade é a totalidade concreta, “a verdade é o todo” como escreveu Hegel, a totalidade concreta pela perspectiva dialética deve ser considerada como um aspecto do conhecimento que dela se tem como realidade, mas que não pretende conhecer de forma estática todos os seus aspectos, porque o método induz ao movimento contínuo de tese, antítese e síntese. Outros dois aspectos destacados pela escrita desse trabalho referente a caracterização da teoria metodológica de Karl Marx e Friedrich Engels, se refere a perspectiva histórica do método dialético e a perspectiva da práxis, de modo que o pensamento desses autores com o seu método, é vocacionado para intervir na luta de classes, na transformação da realidade, a exemplo do que propuseram e praticaram os/as teóricos/as da Teoria Marxista da Dependência.

A escrita desse trabalho, apresenta uma hipótese de compreensão sobre o método materialismo histórico dialético, sem pretensão de esgotar o rico debate que envolve esse tema. É uma necessidade para as Ciências Humanas, aprofundar a reflexão sobre o método do materialismo histórico dialético, buscando superar o infértil movimento adotado pela academia científica de instrumentalizar e fatiar a obra de Karl Marx e Friedrich Engels para o desenvolvimento de reflexões nas Universidades. Além do fato de que ainda parte da obra de Karl Marx não esteja em sua totalidade publicada, é mister compreender que a teoria de Karl Marx deve ser estudada levando em consideração a articulação de diversas áreas das ciências humanas,

e a partir dessa perspectiva podemos avançar na compreensão do método materialismo histórico dialético, que não é estático e nem determinista.

Referências

BAMBIRRA, Vânia. *O Capitalismo Dependente Latino-Americano*. Florianópolis: Insular, 2012

CRUZ, César Albenes de Mendonça. *Sobre As Origens da Teoria Marxista da Dependência (TMD)*. In: Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Eixo: Movimentos sociais e Serviço Social. Sub-eixo: Movimentos sociais e lutas de classes - contexto nacional e internacional. Vitória, ES. 2 a 7 de dezembro de 2018.

GUIMARÃES JÚNIOR, M. C. P.; Lopes, Tiago Camarinha. *O Desenvolvimento Desigual e Combinado: paralelos entre as obras História da Revolução Russa de Trotsky e Dialética da Dependência de Ruy Mauro Marini*. REBELA - Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos, v. 6, p. 396-410, 2016. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/view/2610>

KONDER, Leandro. *O que é dialética?* Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense, 1981.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, Giorg. *História e consciência de classe*. Porto: Escorpião, 1974 [edição brasileira: São Paulo: Martins Fontes, 2003].

MANTEGA, Guido. *A Economia Política Brasileira*. 3ª Edição. São Paulo/Petrópolis: Editora polis/vozes, 1985.

Marini, Ruy Mauro. *América Latina integração e dependência*. São Paulo: Brasil Urgente, 1992.

_____. *Dialética da Dependência*. Germinal: Marxismo E Educação Em Debate, vol. 9 (nº 3), pp. 325–356, 2017.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Tradução Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. *Introdução à Contribuição à crítica da Economia Política*. In: *Contribuição à Crítica da Economia Política*. pp. 235-272. In: Tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. Posfácio da segunda edição inglesa. pp. 83-91. (1873). In: *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro I. O Processo de Produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, F. *Obras escolhidas em três volumes*. Rio de Janeiro: Vitória, 1963. v. 3.

_____. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

NETTO, José Paulo. *Introdução ao método da teoria social*. 2010. Disponível em: <http://www.afoicecomartelo.com.br/posfsa/Autores/Neto,%20Jose%20Paulo/Introducao%20ao%20metodo%20da%20teoria%20social%20ou%20Introducao%20ao%20metodo%20de%20Marx.pdf>

_____. *Introdução ao estudo do método de Marx*. 1.ed.- Sao Paulo: Expressão Popular, 2011.

SIQUEIRA, Rafael Sousa. *O Método da Crítica da Economia Política: A Ciência de Marx na “Introdução” dos Grundrisse de 1857*. 2015. 142f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

TELES, Gabriel. *As contribuições da categoria da totalidade para a análise dos movimentos sociais*. Revista Alamedas. pp. 59-76. Vol. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/19001>